

APONTAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: O MÉTODO MATERIALISTA HISTÓRICO-DIALÉTICO

*Denise Kloeckner Sbardelotto*¹
*Adair Ângelo Dalarosa*²
*Maria Isabel Moura Nascimento*³

RESUMO: Esse artigo objetiva apresentar apontamentos teórico-metodológicos para a pesquisa em História da Educação a partir do método materialista histórico-dialético, em oposição às concepções positivista e pós-moderna. O trabalho apresenta categorias centrais da teoria marxiana e resulta da análise de algumas das obras de Karl Marx e Friedrich Engels que explicitam os conceitos fundamentais do método. São apresentados conceitos marxistas relevantes para o encaminhamento coerente da pesquisa em história da educação. Com o objetivo de contribuir com o debate a respeito das questões teórico-metodológicas para a pesquisa em educação e em história da educação, conclui-se que essa análise é necessária como forma de fazer frente às atuais concepções de história embasadas na perspectiva pós-moderna.

PALAVRAS-CHAVE: História. Educação. Método. Materialismo Histórico-dialético.

THEORETICAL AND METHODOLOGICAL NOTES ON THE HISTORY OF EDUCATION RESEARCH: THE DIALECTICAL-HISTORICAL MATERIALIST METHOD

ABSTRACT: This article aims to present *theoretical and methodological notes for the*

¹ Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, na linha de pesquisa em História e Políticas Educacionais. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Estado, Educação e Trabalho – GEEPET e do Grupo de Pesquisa em História, Sociedade e Educação no Brasil - GT da Região Oeste do Paraná - HISTEDOPR. End.: Rua Osvaldo Cruz, 707, Uvaranas, Ponta Grossa/PR, CEP 84025-340. E-mail: deniseklsb@yahoo.com.br

² Dr. em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, prof. adjunto da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG e coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa Estado, Educação e Trabalho – GEEPET. End.: Travessa Angola, 25, Bairro Jardim Seminário, Francisco Beltrão/PR, CEP 85605-660. E-mail: adairdalarosa@hotmail.com; www.dalarosa.net

³ Dra. em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, profa. adjunta da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG e coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa “História, Sociedade e Educação” dos Campos Gerais – PR: HISTEDBR/UEPG. End.: Rua Duarte da Costa, 500, Vila Nogueira, Campinas/SP, CEP 13088-010. E-mail: misabel@lexxa.com.br

research on history of education, from the dialectical-historical materialist method, in opposition to the positivist and postmodernism concepts. This paper presents central categories of the Marxian theory and results from some of Karl Marx's and Friedrich Engels's works, which clarify the method's basic concepts. We present relevant Marxist concepts for coherent guiding of the research in history of education. Aiming to contribute for the debate about theoretical and methodological issues for the research in education and history of education, we consider that this analyses is necessary as a way to face the present concepts of history based on a postmodern perspective.

KEY WORDS: History. Education. Method. Dialectical-historical Materialism.

1 INTRODUÇÃO

A pesar dos esforços de alguns pesquisadores, a preocupação com o método não é prática comum na produção do conhecimento histórico em educação. Essa carência parece estar relacionada a uma tendência à desvalorização da teorização no âmbito das pesquisas educacionais, diretamente ligada às concepções que partem em defesa da irracionalidade. Moraes (2003) analisa muito bem essas questões e afirma estarmos vivendo um “mal-estar epistemológico”, um “recuo da teoria” ou uma “inflexão teórica”. Em outras palavras, trata-se de um momento em que a possibilidade do conhecimento da verdade é substituída pelos relatos e narrativas de diferentes “realidades” ou “olhares”; em que o ceticismo e o pragmatismo ganham espaço e adeptos no universo acadêmico, “[...] propondo uma agenda que abriga todos os ‘pós’, os ‘neo’, os ‘anti’ e que tais, que infestam a intelectualidade de nossos dias”. (MORAES, 2003, p. 4). Para a autora o “recuo da teoria” exerce impacto direto nas pesquisas educacionais e acarreta no apaziguamento da sociedade civil, no esvaziamento das diferenças e no “[...] silêncio e o esquecimento, a calada que envolve a aceitação a-crítica da lógica do capital, não obstante a violência econômica e a destruição social e cultural efetivada por sua vanguarda”. (p. 8)

Não é incomum entre estudos científicos em educação a não preocupação em definir claramente um pressuposto teórico-metodológico ou a opção por uma postura eclética e plural. Ao apresentar a tese do monismo materialista⁴, Frigotto (2006, p. 85) afirma que:

A concepção do “pluralismo formal” e do ecletismo consubstanciada no senso comum,

⁴ “A tese do monismo materialista funda-se na concepção de que o real, os fatos sociais – fatos esses produzidos pelos homens em determinadas circunstâncias – têm leis históricas que os constituem assim e não diferentemente, e que tais leis condicionam seu desenvolvimento e sua transformação.” (FRIGOTTO, 2006, p. 84)

na crença de que a “verdade” resulta de um mosaico montado pela junção de diferentes posturas, ideologias, perspectivas metodológicas tem sido, historicamente, no Brasil, uma idéia das elites dominantes no campo político, cultural, e se manifesta fortemente nos centros de pesquisa e universidades. Trata-se de posturas ainda dominantes. (aspas do autor)

Na perspectiva materialista histórico-dialética, espera-se, portanto, um posicionamento teórico e metodológico convicto por parte do pesquisador que se propõe a exercer uma postura crítica, comprometida com a verdade dos fatos e com a transformação da realidade. Frigotto (2006) pontua que existe uma diferença muito grande a ser esclarecida na pesquisa educacional, entre o convívio de posturas diferentes e o ecletismo teórico-metodológico, pois a demonstração da verdade não se faz pelo consenso, mas pelo processo de demonstração da realidade que se dá por rupturas (FRIGOTTO, 2006). Nesse sentido, não há neutralidade possível na pesquisa científica:

Ao contrário, todo *conhecimento* produzido implica e pressupõe métodos e teorias que *enformam* (no sentido de dar forma) o processo e o resultado da construção do conhecimento *científico*, sendo estes igualmente produtos sociais e históricos. Mesmo quando os trabalhos não explicitam os métodos e as teorias utilizadas, é evidente que, apesar de esta dimensão ficar subjacente ao texto, não se deixa de adotar pressuposições ontológicas e gnosiológicas, posto que estas permeiam toda a produção de conhecimentos, todo processo e resultado do pensar do homem. (LOMBARDI, 2004, p. 146, itálicos do autor)

O método científico, além de ser um pressuposto teórico e metodológico, é um posicionamento político, uma visão de mundo e concepção de realidade: “[...] não se pode destacar a filosofia da política; ao contrário, pode-se demonstrar que a escolha e a crítica de uma concepção do mundo são, também elas, fatos políticos”. (GRAMSCI, 1966, p. 15). A reflexão teórica sobre a realidade tem o objetivo de conhecê-la para transformá-la, portanto, o método de pesquisa se caracteriza enquanto práxis, a unidade entre teoria e prática⁵ que busca tanto formular novos conhecimentos para a compreensão da história, quanto

⁵ “A consciência de fazer parte de uma determinada força hegemônica (isto é, a consciência política) é a primeira fase de uma ulterior e progressiva autoconsciência, na qual teoria e prática finalmente se unificam. Portanto, também a unidade de teoria e prática não é um fato mecânico, mas um devenir histórico [...]” (GRAMSCI, 1966, p. 21)

desencadear a transformação.

Diante do exposto, o debate teórico-metodológico a respeito das pesquisas em educação e em história da educação se faz necessário para que uma postura crítica e comprometida esteja no embate frente a essas novas concepções. Nesse sentido, este artigo tem por objetivo contribuir para com esse debate, na medida em que se propõe analisar o método materialista histórico-dialético frente às concepções positivista e pós-moderna.

A filosofia marxista tem origem em três movimentos culturais da primeira metade do século XIX: a filosofia clássica alemã, a economia clássica inglesa e a literatura e prática política francesa. (LÊNIN, 1913). Pode-se dizer que não existe uma única teoria marxista, mas sim marxismos. O legado de Marx e Engels foi interpretado de diversas formas por diversos autores. Diante disso, propomos uma análise marxiana, ou seja, objetivamos apresentar as categorias centrais do método e a relação com a pesquisa histórico-educacional a partir dos textos de Karl Marx e Friedrich Engels. Utilizaremos também interpretações marxistas, mas essas estarão localizadas principalmente em notas explicativas.

Sabemos que, tanto são escassos os textos em que Marx e Engels se referem especificamente à educação, quanto o são com relação ao método de pesquisa proposto pela teoria marxiana. Entretanto, em seus textos é possível apreender a dimensão metodológica, pois há em Marx a aplicação do método diretamente na sua pesquisa. Além disso, dos textos de Marx e Engels é possível extrair explicações substanciais a respeito de suas categorias metodológicas, imprescindíveis para a explicação dos fenômenos sociais com que nos deparamos no interior da sociedade capitalista e das questões educacionais inseridas nesse modelo de sociedade.

2 O MÉTODO E A PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

A qualidade de uma pesquisa científica em educação e histórico-educacional depende também da coerência do pesquisador na medida em que sua fundamentação teórica esteja coerente com o método científico. Mas para que o método determine o referencial teórico é preciso distinguir claramente a diferença entre técnicas de pesquisa e pressuposto metodológico. Ainda hoje é comum observar em trabalhos científicos a inobservância dessa distinção e uma postura de contentamento diante da definição apenas das regras propostas para a coleta, análise dos dados e de coerência na exposição do texto⁶. Longe de

desconsiderar a importância dessas regras, julgamos que a pesquisa científica precisa esclarecer a qual matriz filosófica o método empregado está filiado, o que vai além das técnicas de pesquisa. O método nada mais é do que a expressão da própria realidade concreta e existente, ou seja, a explicação concreta e não apenas teórica de determinado objeto de estudo. Sendo assim, cabe ao pesquisador decifrar a essência ontológica dos fatos⁷, que reflete a realidade a ser explicada.

Ao se analisar a educação e a história da educação na perspectiva do método materialista histórico-dialético, parte-se do pressuposto ontológico de que o mundo é cognoscível, ou seja, de que é possível ao homem, através da ciência, o contato com a verdade. Nesse sentido, a matéria é o princípio primeiro e é ela que determina a consciência. Portanto, eis um conceito importante para compreensão do método: o que produzimos teoricamente é uma representação da realidade, mas não a realidade propriamente dita.

Ali onde começa a história deve começar também a cadeia do pensamento, e o desenvolvimento ulterior desta não será mais do que a imagem reflexa, em forma abstrata e teoricamente conseqüente, da trajetória histórica; uma imagem reflexa corrigida, mas corrigida de acordo com as leis que fornecem a própria trajetória histórica; e, assim, cada fator pode ser estudado no ponto de desenvolvimento da sua plena maturidade, na sua forma clássica. (ENGELS, [s/d], p. 310)

A teoria marxiana está fundamentada num pressuposto materialista, numa teoria histórica e em uma lógica dialética. Vejamos: é materialista porque o pressuposto primeiro é a existência da matéria. Sendo o ser constituído da matéria, o ser existe antes de pensar, ou seja, de acordo com o pressuposto ontológico materialista, primeiro vem a matéria e depois o pensamento.

A materialidade do método materialista histórico-dialético consiste em ter como pressuposto que “[...] o modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência”. (MARX; ENGELS, 1986, p. 37). Determinadas formas de consciência são provocadas a partir da forma como a estrutura – base econômica – e a superestrutura da sociedade – relações políticas e jurídicas (Estado, instituições, idéias, leis, políticas, etc) –

⁶ Vide páginas 08 e 09 deste artigo, sobre a distinção que Marx faz entre o método de exposição e o método de pesquisa.

⁷ Segundo Kosik (2002), no processo de conhecimento da realidade histórica através da elaboração teórica, o pesquisador se defronta com a necessidade do conhecimento objetivo dos fatos e de seus significados e o faz através do método científico.

se articulam de acordo com a produção da vida material dos homens e com as relações que esses estabelecem em sociedade.⁸ Para Marx (1986) a própria “[...] estrutura social e o Estado nascem constantemente do processo de vida de indivíduos determinados [...] tal como atuam e produzem materialmente [...]” (p. 37). Para a teoria materialista histórica-dialética “[...] o primeiro pressuposto de toda a história humana é naturalmente a existência de indivíduos humanos vivos. [...]” (MARX; ENGELS, 1986, p. 27). Por isso,

[...] o primeiro pressuposto de toda a existência humana e, portanto, de toda a história, é que os homens devem estar em condições de viver para poder “fazer história”. [...] O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam a satisfação destas necessidades, a **produção da própria vida material**, e de fato este é um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, como há milhares de anos, deve ser cumprido todos os dias e todas as horas, simplesmente para manter os homens vivos. (MARX; ENGELS, 1986, p. 39, negritos nossos)

Nisto consiste o pressuposto materialista da teoria marxiana: o que o ser humano é e a história por ele vivida e modificada constantemente são determinadas pela materialidade, são resultado daquilo que ele produz, o quê e como produz a sua vida material para manter-se vivo, ou seja, para garantir sua condição real de sobrevivência. Portanto, para Marx e Engels “Toda historiografia deve partir desses fundamentos naturais e de sua modificação no curso da história pela ação dos homens”. (MARX; ENGELS, 1986, p. 39)

Nesse sentido, para o pensamento marxista, tanto a história das sociedades quanto o conhecimento produzido pelos homens são etapas de desenvolvimento importantes para se chegar a uma etapa seguinte e superior, num processo constante do vir-a-ser. Caso contrário, a ciência perderia a razão de sua existência e as

⁸ “O conjunto dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta a superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social.” (MARX, 1991, p. 301). Marx e Engels, ao considerarem que as formas como os homens produzem e reproduzem a sua vida material determina a história por eles construída, ou seja, que a estrutura econômica da sociedade é, em última instância, o principal determinante da história, foram alvos de muitas críticas daqueles que consideram esta postura demasiado economicista. Contudo, esta idéia de supremacia da influência da estrutura em detrimento da influência da superestrutura na construção da história foi esclarecida por Engels (1890), numa carta endereçada a M. Block: “Segundo a concepção materialista da história, o fator que, em **última instância**, determina a história é a produção e a reprodução da vida real. Nem Marx nem eu afirmamos, uma vez sequer, algo mais do que isso. Se alguém o modifica, afirmando que o fato econômico é o **único** fato determinante, converte aquela tese numa frase vazia, abstrata e absurda. A situação econômica é a base, mas os diferentes fatores da superestrutura que se levanta sobre ela [...] também exercem sua influência sobre o curso das lutas históricas e, em muitos casos, determinam sua **forma**, como fator predominante.” (ENGELS, [s/d], p. 284, negritos nossos)

verdades estariam apenas sendo repetidas ao longo do tempo. Por também resultar da ação dos homens, as verdades da ciência são históricas e, portanto, passíveis de movimento e transformações. Nesse sentido, Marx e Engels rompem, tanto com a concepção metafísica quanto positivista da história, enfatizando a história como central para a ciência e o homem como principal agente da história.

A análise de Marx e Engels sobre a organização da sociedade demonstra que a partir do surgimento da propriedade privada dos meios de produção, a história tem sido marcada sucessivamente pela luta de classes. Daí a afirmação de que “a história de todas as sociedades que já existiram é a história de luta de classes”. (MARX; ENGELS, 1999, p. 9). As sociedades de classes têm mantido algumas características comuns: a propriedade privada dos meios de produção e a consequente divisão social do trabalho e do conhecimento. Essa é a base real sobre a qual se estruturam a família, o Estado, o direito, a produção e difusão do conhecimento. Essa divisão social do conhecimento determina que tipo de educação deve ser ofertada à classe burguesa e à classe trabalhadora: a uns uma educação para “o pensar” e a outros uma educação voltada para “o fazer”. São essas contradições que a pesquisa em história da educação precisa captar, nos diferentes momentos históricos.

Portanto, a pesquisa em história da educação deve considerar que a história é o resultado dessa luta de classes que, na sociedade capitalista, ocorre entre a classe burguesa e a classe trabalhadora⁹. Essa luta é uma luta de interesses antagônicos, ou seja, o que favorece a uma classe e prejudica à

⁹ Atualmente, as classes sociais não estão definidas da mesma forma que na época da Revolução Industrial, apenas entre burguesia e proletariado. Numa época caracterizada pelo trabalho toyotista, há uma complexificação da classe trabalhadora e um novo tipo de trabalho abstrato: “Esta alteração resultou no chamado trabalho flexível, que pode ser caracterizado como aquele trabalho desregulamentado que se ajusta à produção flexível da fábrica mínima e também flexível. É a desproletarização ou diminuição da classe operária clássica e, ao mesmo tempo, a expansão de várias outras formas de trabalho assalariado. No trabalho flexível destacam-se os ‘trabalhadores hifenizados’, ou seja, aqueles que vivem de trabalho subproletariado, precarizado, *part time* (parcial), temporário, terceirizado.” (ZANELLA, 2003, p. 87, itálicos e aspas do autor). A respeito desta configuração atual, Zanella (2003) recupera de Ricardo Antunes (2000) a expressão “classe-que-vive-do-trabalho”: “Antunes verifica que, com a reestruturação produtiva do capital, a ‘classe trabalhadora’ tornou-se mais complexa, fragmentada e heterogênea. Perdeu-se de certa forma aquela identidade materializada no proletariado estável de mão-de-obra praticamente manual. Antunes verifica que há uma ampliação da classe trabalhadora que é constituída de ‘trabalhadores produtivos’, ‘trabalhadores improdutivos’ e de ‘trabalhadores hifenizados’. Daí a denominação ‘classe-que-vive-do-trabalho’ para dar conta dessas metamorfoses.” (Idem, p. 8). No entanto, continua a cisão entre os que vivem do lucro do capital e os que vivem do trabalho. Além destes, existem aqueles que nem a isso chegam, constituindo um exército de reserva de trabalho necessário ao sucesso do sistema capitalista, na medida em que garante a oferta inesgotável de mão-de-obra assalariada disponível. Este contingente de trabalhadores, diante dos modos de produção cada vez mais elaborados cientificamente pelos avanços da informática, são levados a acreditar, por diversos mecanismos ideológicos, que a responsabilidade pela sua empregabilidade é unicamente sua. Se o indivíduo está fora do “mercado de trabalho” é porque não quiz se adequar às exigências de qualificação de que o mercado produtivo necessita.

outra. Entretanto, com a conquista da indústria e do mercado mundial, a burguesia conquistou o poder e a autoridade política representativa através do controle do Estado moderno.

A burguesia, afinal, com o estabelecimento da indústria moderna e do mercado mundial, conquistou, para si própria, no Estado representativo moderno, autoridade política exclusiva. O poder executivo do Estado moderno não passa de um comitê para gerenciar os assuntos comuns de toda a burguesia. (MARX; ENGELS, 1999, p. 12).

Engels (1991) define o Estado como “[...] um poder público especial, distinto do conjunto dos cidadãos que o compõem.” (ENGELS, 1991, p. 105). Engels (1991) apresenta como o Estado perpetua a divisão da sociedade de classes e, portanto, os interesses da classe que detém a propriedade e a riqueza. Para Engels (1991, p. 120) a função do Estado seria o de uma instituição que:

[...] imprimisse o selo geral do reconhecimento da sociedade às novas formas de aquisição da propriedade, que se desenvolviam umas sobre as outras – a acumulação, portanto, cada vez mais acelerada, das riquezas -; uma instituição que, em uma palavra, não só perpetuasse a nascente divisão da sociedade em classes, mas também o direito de a classe possuidora explorar a não-possuidora e o domínio da primeira sobre a segunda. E essa instituição nasceu. Inventou-se o *Estado*. (itálico do autor)

O controle do Estado possibilitou a burguesia transformar sua vontade em vontade política materializada no ordenamento jurídico burguês. Inverteu-se a lógica do *direito que faz lei* para a lógica da *lei que faz direito*. Significa dizer que o monopólio estatal na elaboração e aplicação da lei garante a efetivação da vontade burguesa na medida em que a lei passa a condicionar o direito.

Contraditoriamente, a sociedade organizada tem lutado historicamente para ocupar um lugar na representatividade do Estado através dos partidos de esquerda e dos movimentos sociais, exercendo pressão para que interesses da classe trabalhadora fossem garantidos por lei. Apesar das conquistas históricas da classe trabalhadora o Estado moderno burguês ainda representa hegemonicamente os interesses do capital o que se faz evidente nas políticas sociais propostas por esse Estado, atualmente caracterizado como Estado mínimo.

A concepção revolucionária de Estado, que se encontra em oposição à

concepção de Estado burguês, é a que propõe o fim da propriedade privada dos meios de produção tornando-os propriedade estatal como medicação para a superação da sociedade de classes para a qual o Estado desaparecerá. Isso implica na transformação estrutural da sociedade capitalista em uma sociedade comunista sem Estado, na qual este terá sido substituído por uma nova sociedade e por uma nova reorganização da produção.

Isso significa que, com a superação da sociedade de classes, o Estado e suas instituições deixam de ser necessárias. O Estado, substituído pela ditadura do proletariado, dará lugar a outros tipos de instituições cujas funções serão preenchidas por uma maioria. Nessa nova sociedade torna-se cada vez menos necessário o próprio poder, antes centralizado no Estado burguês, que representava a divisão e dominação de uma classe sobre a outra e se movia pelos antagonismos de classe.

Diante do exposto, não se pode empreender um estudo verdadeiramente crítico na área de educação e história da educação sem antes explicitar a estrutura da sociedade, a organização do trabalho e do Estado explicitando o movimento contraditório do real. explicitando o movimento contraditório da sociedade, a organização política e social exercendo influência por isso que os estudos em história da educação que fazem uma análise superficial e pontual a partir de uma concepção linear positivista de história, não captam a realidade na sua totalidade. Desse modo, não captam as contradições estruturais da sociedade capitalista as quais determinam direta ou indiretamente políticas ou fatos históricos. Sendo assim, a ciência e a pesquisa constituem também um ato político. A pesquisa científica fundamentada no método materialista histórico-dialético pretende a explicitação da realidade com vistas à transformação.

Para a teoria marxiana o fundamento da ciência está na história. Marx chega a afirmar que a só existe uma ciência, a ciência da história. Essa afirmação tem sido bastante questionada, por trazer a ideia de que a teoria marxiana cairia num historicismo ou que desconsideraria as outras ciências. Contudo, é preciso localizar Marx e Engels no momento histórico em que eles viveram, para então avaliar o significado que tinha a ciência da história naquele contexto. Naquele tempo as ciências não estavam fragmentadas como hoje. A ciência da história (a historicidade) para Marx e Engels era muito abrangente. Sendo assim, a história é a única ciência no sentido de perpassar por todas as outras ciências. O fenômeno histórico-educacional para a teoria marxiana, portanto, só atinge a concreticidade quando é historicizado, ou seja, analisado como verdade construída pelos homens, de acordo com suas possibilidades e seu momen-

to histórico.

A teoria marxiana está baseada na lógica dialética pois entende a realidade em constante movimento e transformação, enquanto uma totalidade e a partir de suas contradições. “A pesquisa tem de captar detalhadamente a matéria, analisar as suas várias formas de evolução e rastrear sua conexão íntima. Só depois de concluído esse trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real.” (MARX, 1988, p. 26)

Durante a pesquisa científica fundamentada no método materialista histórico-dialético, Marx faz distinção entre dois momentos: o método de exposição e o método de pesquisa. Isso significa que, através do método explicativo, o pesquisador primeiro explica a realidade para depois compreendê-la, pois a verdadeira compreensão somente acontece a partir do contato com a realidade material.

É, sem dúvida, necessário distinguir o método de exposição formalmente, do método de pesquisa. A pesquisa tem de captar detalhadamente a matéria, analisar as suas várias formas de evolução e rastrear sua conexão íntima. Só depois de concluído esse trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real. Caso se consiga isso, e espelhada idealmente agora a vida da matéria, talvez possa parecer que se esteja tratando de uma construção *a priori*. (MARX, 1988, p. 26, itálico do autor)

Ambos os métodos¹⁰ são fundamentais e mutuamente dependentes. Uma pesquisa que não explicitasse coerentemente o fenômeno investigado não seria conhecida e tampouco utilizada. Contudo, seria demasiado fenomênico e descritivo limitar-se ao registro da realidade que o pesquisador visualizou, sem o rigor do método de investigação.

Quando trata das categorias de análise de seu método, Marx defende a elevação do abstrato ao concreto e, portanto, afirma que as categorias mais

¹⁰ Esta mesma distinção de método feita por Marx é chamada por Kosik (2002) de método de exposição e método de investigação. Além disso, nos chama a atenção para o fato de que no método de exposição não se trata apenas de uma coesa apresentação textual, de acordo com normatizações estéticas pré-definidas, mas sim o momento em que se torna necessário que todo o processo do método de investigação, de apreensão do conhecimento, seja transposto em registro e organizado de modo compreensível. “Como se sabe, Marx distinguia entre o **método da investigação** e o **método da exposição**. Apesar disso, passasse por cima do **método da investigação** como sobre qualquer coisa já conhecida; e equipara-se o método de exposição à forma de apresentação, não se percebendo, por conseguinte, que ele é o método da explicitação, graças ao qual o fenômeno se torna transparente, racional, compreensível.” (KOSIK, 2002, p. 37, negritos nossos)

simples, mais abstratas, “[...] apesar de sua validade para todas as épocas, são, contudo, na determinidade dessa abstração, igualmente produto de condições históricas, e não possuem plena validade senão para essas condições e dentro dos limites destas”. (MARX, 1991, p. 20). Isto significa que o elevar-se do simples ao complexo é um processo intrínseco ao próprio processo histórico, de forma que as categorias que explicam a sociedade burguesa, enquanto organização histórica mais desenvolvida, exprimem também as organizações das sociedades passadas. Isso explica a importância da teoria histórica no método marxiano e como as categorias de análise do sistema capitalista, as quais compõem o método proposto por Marx e Engels, podem orientar a pesquisa científica histórica-educacional mesmo em se tratando de outro contexto, até mesmo outros tipos de organizações sociais que foram constituídas e extinguidas ao longo da história da humanidade.

Para que seja possível ao homem conhecer a verdade, ao iniciar um estudo sobre um determinado contexto histórico-educacional é necessário partir da materialidade, ou seja, do concreto¹¹: “Parece que o correto é começar pelo real e pelo concreto, que são a pressuposição prévia e efetiva”. (MARX, 1991, p. 16). Mas a idéia de concreto¹² como ponto de partida para o método materialista histórico-dialético é um ponto crucial da teoria marxiana e, portanto, merece uma explicação mais minuciosa. O conceito de *concreto* não é similar ao conceito de *empírico*. Enquanto o concreto é real e fundamenta-se na totalidade histórica, o empírico abrange apenas o prático, o fenômeno em si, que pode cair numa realidade ilusória e irreal na medida em que não é sustentado por uma totalidade histórica. Para o método marxiano, partir da concreticidade não significa limitar-se aos dados empíricos, postura metodológica objeto de crítica por Marx aos economistas do século XVII. Embora reconheça que o método cientificamente exato parta do concreto efetivo, inclusive enquanto intuição e repre-

¹¹ Para constar, na intenção de uma melhor adequação do conceito de concreto, Germer (2000) sugere três instâncias do processo de construção do conhecimento: o *concreto real* enquanto realidade material que existe independente do conhecimento, que significa o ponto de partida para sua construção – o concreto já dado, nas palavras de Marx (1991); o *concreto sensorial*, que significa a representação caótica que os sentidos apreendem da totalidade durante o processo de elaboração do conhecimento; e o *concreto pensado*, que significa o resultado, conceitos e abstrações elaborados a partir do que foi captado pelo concreto sensorial.

¹² “Marx parece coincidir com Hegel, no sentido de que para ambos o concreto é uma categoria do pensamento. Mas há uma diferença essencial: para Hegel o real situa-se no plano das ideias, sendo o empírico apenas aparência ou fenômeno, ao passo que para Marx o real é o empírico, o mundo material, e as ideias o seu reflexo no pensamento. Assim, o concreto como categoria do pensamento constitui apenas a forma – a única possível – pela qual o pensamento reproduz o real com ele é, uma totalidade de muitos elementos interligados.” (GERMER, 2000, p. 5).

sentação, Marx considera o concreto muito mais do que os dados empiricamente observados, mas como uma “[...] síntese de múltiplas determinações [...]”. (MARX, 1991, p. 16). Diferentemente do conhecimento apenas empírico, o método materialista histórico-dialético busca o conhecimento da essência¹³ e não limita-se às representações fenomênicas. A essência é histórica e concreta, portanto, só pode ser apreendida a partir da totalidade.

Portanto, a pesquisa em história da educação com base no método materialista histórico-dialético precisa buscar a autêntica práxis através do contato com os fenômenos, diferenciar a dialética entre essência e fenômeno e buscar o caráter totalizante do fato histórico. Atingir a essência é atingir a concreticidade¹⁴. A pesquisa de acordo com o método marxiano, para atingir a concreticidade, precisa trilhar o seguinte caminho: partir do concreto real (pressuposições prévias e efetivas) e por meio da análise chegar às abstrações mais simples e delicadas (concreto idealizado), momento em que o pesquisador possui uma visão caótica do todo. Como esses dados concretos não podem ser explicados por si só, é preciso passar para as abstrações mais complexas, momento em que se estabelecem as mediações necessárias para se compreender a essência do fenômeno¹⁵. Chegando nesse estágio, torna-se necessário fazer o caminho inverso e formular os conceitos a partir das abstrações¹⁶ reais e determinações mais simples. Após esse percurso, as determinações mais simples, ou seja, o objeto de estudo do pesquisador, não é mais entendido por si mesmo ou

¹³ “[...] o pensamento dialético distingue entre representação [fenômeno] e conceito da coisa [essência] com isso não pretendendo apenas distinguir duas formas e dois graus de conhecimento da realidade, mas especialmente e sobretudo duas qualidades da práxis humana.” (KOSIK, 2002, p. 13). A pesquisa científica só é viável porque existe contradição entre fenômeno e essência. Isso não quer dizer que a essência deva ser considerada em detrimento do fenômeno, pois ambos possuem uma relação de unidade e interdependência. “O fato de se manifestar no fenômeno revela seu movimento [da essência] e demonstra que a essência não é inerte nem passiva. Justamente por isso o fenômeno revela a essência.” (Idem, p. 15). Se essência e fenômeno fossem uma coisa só não haveria a necessidade da ciência, visto que as verdades estariam disponíveis à todos. Da mesma forma, se fossem totalmente desconexos e pertencentes a mundos diferentes, não seria possível ao homem conhecer as verdades. (KOSIK, 2002)

¹⁴ Portanto, tanto o conhecimento da realidade quanto a realidade historicizada são resultados da práxis humana: “[...] a realidade [...] apresenta-se como o campo em que se exercita a sua atividade prático-sensível, sobre cujo fundamento surgirá a imediata intuição prática da realidade”. (KOSIK, 2002, p. 13-14). Contudo, o que o autor chama de “práxis utilitária” de senso comum não possibilita ao homem a verdadeira compreensão da realidade. Esta ação fragmentada e alienada dos homens é chamada por Kosik (2002) de *pseudoconcreticidade*.

¹⁵ Este processo para Kosik (2002) compreende o *détour*, ou seja, o “desvio” feito pelo pesquisador, quando este se nega a limitar-se à obviedade dos fenômenos, à aparência, na busca por atingir a essência.

¹⁶ “O ‘conceito’ e a ‘abstração’, em uma concepção dialética, têm o significado de método que decompõe o todo para poder reproduzir espiritualmente a estrutura da coisa, e, portanto, compreender a coisa.” (KOSIK, 2002, p. 18)

isoladamente, mas como “[...] uma rica totalidade de determinações e relações diversas”. (MARX, 1991, p. 16)

O conceito de concreto para o materialismo histórico-dialético é entendido como essa rica totalidade: o ponto de chegada, a síntese, o resultado da pesquisa. Esse concreto, enquanto síntese ou interpretação mental, nada mais é do que o concreto pensado: “[...] o método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto *não é senão a maneira de proceder do pensamento* para se apropriar do concreto, para reproduzi-lo como concreto pensado”. (MARX, 1991, p. 17, *itálicos do autor*). Embora Marx apresente o concreto como ponto de partida efetivo, este é na verdade entendido enquanto resultado, apreendido pelo homem através do pensamento no processo de elaboração do conhecimento. O método correto para a teoria marxiana não pode limitar-se às determinações abstratas, mas, através do exercício da pesquisa e do pensamento, utilizar-se delas para conduzir-se à reprodução do verdadeiro concreto.

O concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação. (MARX, 1991, p. 16)

O concreto real significa a síntese de múltiplas determinações de muitos elementos interligados, do movimento dialético entre o singular, particular e universal. O método consiste em elaborar conceitos e abstrações, a partir do conhecimento empírico singular, ou seja, elaborar representações mentais do que foi observado pelos sentidos através do contato com as fontes. Através das particularidades, estabelece-se a relação dialética entre o singular e o universal, momento em que são desenvolvidas as mediações necessárias à compreensão da realidade investigada. (LUKÁCS, 1978). O particular exerce a função de intermediar o singular e o universal:

Mesmo que a finalidade do conhecimento científico seja a investigação do caso singular, esta fundamental estrutura do reflexo não se altera. Em seu devido lugar, chamamos a atenção para o fato de que este retorno do universal ao singular [...] só pode produzir frutos científicos se cada singular for conhecido conjuntamente com as leis que o põem em relação com a universalidade que o compreende e com as particularidades intermediárias. (Idem, p. 183)

O conhecimento para Marx se dá através do concreto, mas o concreto significa a síntese de múltiplas determinações, de muitos elementos interligados, do movimento dialético entre a totalidade e as particularidades. Assim, o método consiste em elaborar conceitos, abstrações, a partir do conhecimento empírico, ou seja, representações mentais daquilo que foi observado pelos sentidos. Para Marx somente é possível conhecer o “concreto” pela mediação da abstração, que deve ocorrer através da análise das determinações mais simples às mais complexas.

O todo, tal como aparece no cérebro, como um todo de pensamentos, é um produto do cérebro pensante que se apropria do mundo do único modo que lhe é possível, modo que difere do modo artístico, religioso e prático-mental de se apropriar dele. O sujeito real permanece subsistindo, agora como antes, em sua autonomia fora do cérebro, isto é, na medida em que o cérebro não se comporta se não especulativamente, teoricamente. Por isso também, no método teórico [da economia política], o sujeito – a sociedade - deve figurar sempre na representação como presunção. (MARX, 1991, p. 17)

O método científico materialista histórico-dialético difere-se do método de pesquisa empírico positivista, que influenciou tão fortemente a filosofia da ciência do século XX, principalmente a pesquisa no âmbito das ciências naturais. Para o pensamento positivista a resignação às leis naturais passa a ser uma das atitudes do cientista, que deve procurar apenas identificar e analisar os fenômenos. Para que a ordem seja mantida, aqueles que não detém o poder e o capital terão de aceitar a submissão e serem sensíveis à ideia de que uns nasceram para o comando e outros para a obediência, como uma lei natural imutável que caminha sempre em direção ao “suposto” progresso, confirmando a teoria de que as leis sociais são reguladas pelas leis naturais e desconsiderando a influência que o contexto da totalidade exerce sobre o fato.

A perspectiva positivista não nega que o conhecimento é histórico e também parte da materialidade, mas enquanto a pesquisa positivista limita-se ao conhecimento empírico e à junção de partes desconexas, a pesquisa baseada numa teoria marxiana busca explicar as partes a partir de uma totalidade de determinantes que vão possibilitar a compreensão do real. A historiografia educacional influenciada pela concepção positivista da história utilizou-se da história enquanto narrativa e tratou os fatos de forma linear e evolucionista¹⁷, livre de

¹⁷ “É claro que Marx tem uma leitura evolutiva da sociedade humana, quanto a isso não resta a menor dúvida. O que me parece fundamental é distinguir uma concepção evolutiva de uma concepção evolucionista, que supõe que haja uma teleologia já contida no princípio.” (NETTO, 2006, p. 63)

qualquer contradição. Essa perspectiva valorizava o estudo histórico pelos documentos e fontes primárias eram as únicas técnicas admitidas pela concepção positivista de história.

Portanto, de acordo com a teoria marxiana, a pesquisa científica em história da educação terá que partir do princípio de que a realidade sofre mudanças permanentes de acordo com o percurso histórico, que as coisas do mundo estão em constante movimento, transformação e mudança de forma. Nessa perspectiva, o movimento dialético¹⁸ não é o pesquisador que fornece ao tema de pesquisa, mas o movimento é próprio do fenômeno estudado. A dialética, para o método marxiano é antes de tudo um pressuposto crítico e revolucionário.

Em sua configuração racional, [a dialética] é um incômodo e um horror para a burguesia e para os seus porta-vozes doutrinários, porque, no entendimento positivo do existente, ela inclui ao mesmo tempo o entendimento da sua negação, da sua desapareição inevitável; porque apreende cada forma existente no fluxo do movimento, portanto também com seu lado transitório; porque não se deixa impressionar por nada e é, em sua essência, crítica e revolucionária. (MARX, 1988, p. 27)

Após compreender a dialética do fenômeno, o homem pode interferir e mudar partes do processo, ou seja, não precisa seguir o curso natural de movimento da natureza, mas pode alterá-la de acordo com as suas capacidades e necessidades históricas. Esse é o princípio da pesquisa e do método científico

¹⁸ Pode-se dizer que a lógica *dialética*, Marx e Engels – que faziam parte da chamada “esquerda hegeliana” – absorveram da teoria de Georg Wilhelm Friedrich Hegel, cujo processo é chamado por ele de “compreensão dos contrários em sua unidade ou do positivo no negativo.” (BOTTOMORE, 1988, p. 102). A dialética de Hegel era considerada por Marx como uma forma mistificada de dialética, na medida em Hegel partia de uma concepção idealista. Para Hegel é a idéia, a consciência dos homens que determina o seu ser, enquanto Marx parte da materialidade: “Marx era e é o único que se podia entregar ao trabalho de retirar da lógica hegeliana a medula que encerra as verdadeiras descobertas de Hegel neste campo e de restaurar o método dialético, despojado de sua roupagem idealista, na simples nudez em que aparece como a única forma exata do desenvolvimento do pensamento. A elaboração do método que forma a base da crítica de Marx à economia política é, a nosso ver, um resultado que pouco fica a dever em importância à própria concepção materialista fundamental”. (ENGELS, [s/d], p. 310). Sobre a dialética hegeliana Marx (1988) afirma “[...] meu método dialético não só difere do hegeliano, mas é também a sua antítese direta. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de idéia, transforma num sujeito autônomo, é um demiurgo do real, real que constitui apenas a sua manifestação externa. Para mim, pelo contrário, o ideal não é nada mais que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem. [...] A mistificação que a dialética sofre nas mãos de Hegel não impede, de modo algum, que ele tenha sido o primeiro a expor as suas formas gerais de movimento, de maneira ampla e consciente. É necessário invertê-la, para descobrir o cerne racional dentro do invólucro místico”. (MARX, 1988, p. 26-27)

materialista histórico-dialético: a condição para intervir é conhecer o processo, como *era*, como *é* e como *tende a ser*. Na perspectiva dialética o movimento não é evolutivo – como para a ciência positivista –, mas conforme há mudança, há também mudança na forma da totalidade¹⁹.

Para o método materialista histórico-dialético o conhecimento histórico é explicado a partir da síntese (de um todo caótico), para a análise (abstração), chegando à uma síntese (o todo concreto).²⁰ Num primeiro momento, o pesquisador debruça-se no objeto e entende o que ele explica por ele mesmo, ou seja, parte-se do empírico, de como o objeto se apresenta, numa fase em que a totalidade mostra-se caótica e confusa. Entretanto, como essa explicação não é o suficiente, deve-se buscar as determinações mais simples, as abstrações e conceitos que são obtidos por meio da análise: “como na história, do mesmo modo que no seu reflexo literário, as coisas se desenvolvem, também, a grandes traços, do mais simples para o mais complexo [...]” (ENGELS, [s/d], p. 310). A partir desse conceito, inicia-se a elaboração da síntese, através do retorno ao objeto pelo caminho inverso. Esse movimento permite ao pesquisador analisar o objeto como resultado de múltiplas determinações e não mais como um todo caótico. Marx afirma que “[...] o curso do pensamento abstrato que eleva do mais simples ao complexo corresponde ao processo histórico efetivo”. (MARX, 1991, p. 18). Portanto, o trajeto do pensamento sugerido pelo método marxiano segue o próprio movimento histórico e dialético da sociedade.

O próprio pressuposto dialético do método materialista histórico-dialético indica que o processo de conhecimento da realidade deve dela extrair o seu

¹⁹ Conforme Kosik (2002), “acumular todos os fatos não significa ainda conhecer a realidade; e todos os fatos (reunidos em seu conjunto) não constituem, ainda, a totalidade. Os fatos são conhecimentos da realidade se são compreendidos como fatos de um todo dialético [...] se são entendidos como partes estruturais do todo. [...] a tal agrupamento falta ainda o essencial: a totalidade e a concreticidade”. (KOSIK, 2002, p. 44). Para atingir a concreticidade, a *totalidade* de um elemento não pode ser compreendida sem a totalidade de outros elementos, pois o objeto específico não pode ser compreendido por ele mesmo, mas sim dentro de uma totalidade: “Princípio metodológico da investigação dialética da realidade social é o ponto de vista da totalidade concreta, que antes de tudo significa que cada fenômeno pode ser compreendido como momento do todo. Um fenômeno social é um fato histórico na medida em que é examinado como momento de um determinado todo. [...] os fatos isolados são abstrações, são momentos artificialmente separados do todo, os quais só quando inseridos no todo correspondente adquirem verdade e concreticidade.” (KOSIK, 2002, p. 49)

²⁰ Ao defender a tese de que as pesquisas em educação devem avançar do “senso comum à consciência filosófica” Saviani (1996) afirma: “partindo da educação enquanto fenômeno concreto, impõe-se empreender a crítica sistemática do senso comum (forma sincrética e cristalizada de conceber a realidade) de modo a extrair o seu núcleo válido (o bom senso) e levá-lo, pela mediação da análise, a uma concepção sintética elaborada. Em outros termos, trata-se de passar do nível do senso comum ao plano teórico, onde o problema educacional é formulado de modo sistematizado, coerente e orgânico”. (SAVIANI, 1996, p. 97-98)

movimento, que vai do todo para as partes e das partes para o todo, de forma que os fatos não sejam pura e simplesmente acrescentados, mas que um sejam relacionados entre si em um movimento representado por um “espiral”. Esse processo de concretização que ocorre a partir do movimento dialético, pressupõe um método que parta do movimento recíproco partes/todo, essência/fenômeno e totalidade/contradição, a união de contrários. A contradição não significa um elemento contra o outro, mas sim a ação de elementos diferentes para produzir uma nova realidade, uma forma diferente. Como o movimento entre tese, antítese e síntese é contínuo, a síntese se transforma em outra tese, que pode posteriormente ser o seu contrário, sem deixar de estabelecer uma relação de identidade com o seu estágio inicial: um pólo é ao mesmo tempo o outro.

Com esse método partimos sempre da relação primeira e mais simples que existe historicamente, de fato [...]. Logo, iniciamos a sua análise. No simples fato de tratar-se de uma **relação** já vai implícito que há dois lados que **se relacionam entre si**. Cada um desses dois lados é estudado separadamente, de onde logo se depreende a sua relação recíproca e a sua interação. Encontramos contradições que exigem uma solução. Mas, como aqui não seguimos um processo abstrato de pensamento que se desenrola apenas na nossa cabeça, mas uma sucessão real de fatos, ocorridos real e efetivamente em alguma época, ou que ainda continuam ocorrendo, essas contradições terão também surgido na prática e nela terão também encontrado, provavelmente, a sua solução. E se estudarmos o caráter desta solução, veremos que esta se verifica criando uma nova relação, cujos dois lados contrapostos precisaremos desenvolver em seguida e, assim, sucessivamente. (ENGELS, [s/d], p. 310-311, **negritos do autor**)

O processo dialético não considera apenas o movimento, mas principalmente as contradições que são suscitadas em seu interior. A categoria da contradição, dialeticamente ligada à da totalidade, existe no movimento real da sociedade e não apenas como categoria do método científico. Cabe ao pesquisador identificar essas contradições do real enquanto unidade de contrários e o caráter inacabável dos fenômenos da realidade.

A contradição insere-se no processo dialético, que não apresenta rupturas e sim uma relação de continuidade. A negação da causa, da primeira forma, produz um novo efeito e uma nova forma, que se tornará a causa de outro efeito, e assim sucessivamente, num movimento representado por um “espiral”. O método materialista histórico-dialético vai além da descrição do objeto a ser investigado – próprio da perspectiva fenomenológica –, pois a descrição é so-

mente parte do processo da pesquisa científica. A lógica do método consiste em superar por incorporação, o que significa que na pesquisa histórica nenhum dado é desprezível. Essa superação se dá no plano do conhecimento científico e no plano da realidade histórica, pois a construção de conhecimento científico tem o compromisso com a crítica e transformação da realidade social.

Ao iniciar uma pesquisa em história da educação coerente à teoria marxista, é preciso compreender que a realidade social existente é para o homem um espaço de luta de classes. A educação, como parte dessa realidade, é também um espaço em que é possível se estabelecer a contradição. Portanto, é necessário partir em busca da explicitação da totalidade, através do movimento dialético que compõe o método em questão, capaz de dar consistência à pesquisa comprometida com o desvelamento das contradições intrínsecas à sociedade capitalista no intuito de superá-la.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constata-se que o pressuposto materialista histórico-dialético contrapõe-se às novas tendências históricas – mais precisamente a Escola dos Annales e a Nova História – na medida em que reafirma as categorias acima apresentadas e o rigor teórico-metodológico no sentido de não limitar-se ao fragmento, ao cotidiano, ao imaginário, à subjetividade, etc. Em outras palavras, o materialismo histórico-dialético não desconsidera, por exemplo, a história da educação regional ou local, mas exige as mediações necessárias para explicar a relação dialética entre o fenômeno local e o contexto econômico, político e social que compõe a totalidade. O materialismo histórico-dialético também contrapõe-se às concepções filosóficas de neutralidade e à perspectiva positivista e idealista de que leis naturais poderiam ser aplicadas para explicitar a dinâmica das ciências da sociedade. Portanto, as questões sociais não são determinadas pelas formulações do pensamento e não é a pesquisa científica que define e constitui a sociedade, mas esta é construída pelos homens na concreticidade real.

Uma questão crucial quanto à apropriação dos métodos de pesquisa e ao desenvolvimento das ciências nas sociedades de classes é o fato de que a poucos é possibilitado a dedicação à produção de conhecimento enquanto muitos são obrigados a se ocuparem ao trabalho na produção dos recursos materiais de que todos necessitam para viver. A teoria marxista propõem “colocar a ciência na base da vida, fazer da ciência a concepção do mundo por excelência, a que liberta os olhos de qualquer ilusão ideológica, que põe o homem em face da realidade tal como ela é [...]”. (GRAMSCI, 1966, p. 70). A educação é parte

fundamental nesse novo projeto de sociedade, em que seja possível à todos o “fazer ciência”. E, nesse ponto, o método materialista histórico-dialético diferencia-se de outros métodos científicos, na medida em que possui uma dimensão axiológica, a práxis, a relação dialética entre teoria e prática e a intervenção efetiva na realidade a ser transformada.

Além disso, analisar o método científico materialista histórico-dialético na pesquisa em educação e em história da educação, significa também ratificar a atualidade da teoria marxiana. Nesse sentido, Saviani afirma (1991, p.14):

Levando-se em conta que uma filosofia é viva e insuperável enquanto o momento histórico que ela representa não for superado, cabe concluir que se o socialismo tivesse triunfado é que se poderia colocar a questão da superação do marxismo, uma vez que, nesse caso, os problemas que surgiriam seriam de outra ordem. Mas, os fatos o mostram, ele não triunfou. O capitalismo continua sendo ainda a forma social predominante. Portanto, Marx continua sendo não apenas uma referência válida, mas a principal referência para compreendermos a situação atual. (p. 14)

Portanto, enquanto existe a sociedade de classes é válida a teoria e a metodologia que melhor a explica. Como vimos, a ortodoxia dentro do materialismo histórico-dialético só é válida quando trata-se do método de análise da realidade e não aos conceitos. Isso significa que a teoria marxiana não explica tudo, mas o método de análise permanesse válido. Algumas pesquisas em educação e em história da educação não apresentam claramente os métodos e teorias utilizadas em um capítulo ou em sua introdução, porém utilizam-se magistralmente do método de pesquisa escolhido no decorrer do trabalho. Contudo, diante dessa tendência de “recuo da teoria”, julgamos de suma importância a insistência da prática da análise dos pressupostos das matrizes filosóficas a que o pesquisador se vincula. Partindo da concepção materialista histórico-dialética, essa necessidade se coloca ainda mais pertinente na medida em que essa perspectiva se opõe drasticamente às novas tendências a-críticas, céticas e pragmáticas, tão em voga no meio acadêmico atual.

REFERÊNCIAS

- BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- ENGELS, F. A contribuição à crítica da economia política de Karl Marx. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Alfa-Ômega, [s./d.]. v. 1.
- ENGELS, F. Carta de Friedrich Engels a Bloch, 21-22 set. 1890. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Alfa-Ômega, [s./d.]. v. 3.
- ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- GERMER, C. M. **Contribuição ao entendimento do método da economia política, segundo Marx**. Curitiba, CMDE/UFPR. 2000. Disponível em: <<http://www.economia.ufpr.br/publica/textos/2000/txt1100%20Clas%20Germer%20Contribuicao%20de%20Marx.doc>>. Acesso em: 11 dez. 2007.
- GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- FRIGOTTO, G. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani C. A. **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 7. ed. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- LÊNIN, V. I. As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo. In: **OBRAS Completas de V. I. Lênin**. Transcrito por Fred Leite Siqueira Campos para The Marxists Internet Archive. 5ª edição em russo. 1913, t. 23, p. 40-48. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/lenin/1913/03/tresfont.htm>>. Acesso em: 22 ago. 2008.
- LOMBARDI, J. C. História e historiografia da educação: atentando para as fontes. In: LOMBARDI, J. C.; NASCIMENTO, M. I. M. (Orgs.). **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas: Autores Associados, 2004.
- LUKÁCS, G. **Introdução a uma estética marxista: sobre a categoria da particularidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- _____. **O manifesto do partido comunista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- MARX, K. Prefácio da Segunda Edição. In: _____. **O capital: crítica da economia política**. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- _____. Introdução à crítica da economia política. In: _____. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. Seleção de textos de José Arthur Gianotti. Traduções de José Carlos Bruni et al. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os Pensadores).
- MORAES, Maria Célia M. de. Recuo da teoria: dilemas na pesquisa em educação. In: MORAES, M. C. M. de (Org.). **Iluminismo às avessas: produção de conhecimento e políticas de formação docente**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 151-169.

NETTO, J. P. Relendo a teoria marxista da história. In: SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C.; SANFELICE, J. L. **História e história da educação: o debate teórico-metodológico atual**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

SAVIANI, D. **Educação e questões da atualidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 12. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

ZANELLA, J. L. **O trabalho como princípio educativo do ensino**. 2003. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

Recebido em: abr./2009

Aprovado em: abr./2009